

## **LEITURAS E LEITORES PLURAIS: A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA *ILÊ ARÁ***

Gisele Massola<sup>1</sup>

Volume de livros em fileiras, cartazes informativos, pesquisas silenciosas, mesas e cadeiras, esses são alguns dos elementos que, durante muito tempo, representaram bibliotecas, tanto aquelas vinculadas à escola, quanto as instituições públicas e privadas. Mas, na atualidade, as bibliotecas que vemos em quase nada nos remetem a tais lembranças, a não ser pela evidência do livro como “ator principal” desse cenário. Os componentes mais comuns continuam os mesmos: uma sala cheia de livros, dispostos de modo que favoreça as consultas, uma forma de catalogação do acervo, uma figura que responde pela ordem e, no entanto, se constitui uma variedade imensa de experiências de biblioteca.

Até pouco tempo os discursos sobre as bibliotecas investiam-lhe de um forte sentido de seriedade, e os leitores precisavam manter certo ritual, certa reverência a este lugar, visto como depositário de um “tesouro comum” de conhecimentos da humanidade. Mesmo que este sentido persista hoje, é possível dizer que ocorreu uma importante mudança na atitude em relação aos leitores: adquiriu força um discurso que institui o gosto e o prazer pela leitura como porta de entrada para o conhecimento. O prazer da leitura parece ser também mola propulsora para a formação de pessoas críticas e cidadãs.

Analisando as representações que circulam tanto em propagandas da mídia, quanto em documentos oficiais do Ministério da Educação, e que definem contornos à formação de leitores, é expressiva a afirmação de que a leitura deve proporcionar prazer. Habitada por múltiplas linguagens, a biblioteca deve ser composta por almofadas espalhadas pelo chão, ilustrações coloridas nas paredes, diferentes obras de literatura ao alcance das mãos, uma variedade de gêneros textuais, sessões coletivas e mediadas de leitura, apresentações teatrais, tudo isso é promovido para colocar sob controle um ambiente que não deve, nem de longe, comportar qualquer atributo que possa ir na contramão do objetivo operacional de cativar consumidores de livros.

---

<sup>1</sup> Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

Este trabalho é parte de uma investigação mais ampla, desenvolvida no mestrado em Educação<sup>2</sup>, nele discuto alguns aspectos relacionados à formação de leitores contemporâneos, em especial, a noção de que a leitura deve ser um ato prazeroso e a centralidade do livro como artefato em que ocorre, preferencialmente, a leitura. A pesquisa foi realizada a partir das observações de ações e práticas de leitura da biblioteca comunitária *Ilê Ará*<sup>3</sup>, localizada no Morro da Cruz, uma região periférica da cidade de Porto Alegre. Fundada em agosto de 2006, a biblioteca *Ilê Ará* funciona de segunda a sexta-feira nos períodos matutino e vespertino e, durante o período de férias escolares o “ritmo” das atividades diminui, restringindo-se as consultas locais, organização do acervo e planejamento de ações do trimestre seguinte.

Atualmente a biblioteca possui um acervo aproximado de dois mil livros adquiridos através de doações (de dentro e de fora da comunidade) e compras incentivadas pelos colaboradores. Conta com trezentos e setenta membros associados e realiza, em média, quatrocentos empréstimos mensais de livros, gibis, revistas além das incontáveis consultas referentes a pesquisas escolares diversas. Entre as obras que compõem o acervo da biblioteca, pode-se destacar: literatura infanto-juvenil, obras da literatura clássica, biografias, livros de contos, crônicas, fábulas, histórias de ficção, romances nacionais e estrangeiros, obras ilustradas e sem texto, revistas em quadrinhos de estilos e autores variados, dicionários, periódicos (jornais e revistas), entre outros.

Um dos principais objetivos da biblioteca é possibilitar o acesso aos livros e, em particular, constituir o processo de leitura como algo prazeroso. Tal intenção da biblioteca vincula-se a uma perspectiva mais ampla, acerca das práticas de leitura, como argumenta Silveira. Para ela,

promover a leitura, formar o leitor (‘competente’, em alguns discursos), incentivar o hábito de ler, criar/despertar o gosto pela leitura... são sintagmas que a partir do início dos anos de 1980 vão povoar praticamente todas as publicações pedagógicas que, de alguma maneira, abordem a questão da leitura *especialmente* na escola (SILVEIRA, 2001:112).

---

<sup>2</sup> A pesquisa desenvolvida, em uma perspectiva teórica pós-estruturalista, tinha como objetivo analisar os significados da palavra leitura em práticas da biblioteca comunitária *Ilê Ará*. Nessa experiência, examinei as diversas ações desenvolvidas pela biblioteca e o modo como se organizam, naquele espaço, ações voltadas para a formação de leitores. Também interessava-me as articulações entre os discursos que ali circulam e outros – midiáticos, cotidianos, de instituições governamentais e não governamentais, por exemplo – constituindo e posicionando os leitores e os tipos de leitura.

<sup>3</sup> Esta biblioteca é o resultado de um dos projetos incentivados pelo Instituto Leonardo Murialdo (ILEM), com apoio financeiro e parceria do Instituto C&A (IC&A), sendo seus objetivos centrais, fundamentados em ações que possibilitem a promoção da leitura e formação de leitores.

Para tornar a leitura um ato prazeroso a própria organização do espaço físico é relevante: a biblioteca conta com ambientes que favoreceriam a leitura, com estantes ao alcance dos leitores de diferentes idades, organizadas de modo a dar visibilidade a certas obras consideradas importantes; um ambiente ornamentado com cortinas com diferentes texturas e grafismos, tapetes, mantas coloridas, poltronas, *puffs*, almofadas pelo chão, paredes internas coloridas, etc., proporcionando uma sensação agradável e aconchegante e distanciando-se das imagens mais comuns de bibliotecas até algumas décadas atrás – em cores sóbrias e uniformemente pintadas.

A biblioteca também conta com uma sala secundária na qual se localiza uma mesa maior com doze cadeiras e um armário para guardar materiais informativos e livros ainda não catalogados. Neste ambiente são realizadas diferentes atividades, incluindo alfabetização de senhoras, leitura silenciosa, consultas e pesquisas escolares, oficinas após as mediações de leituras, confraternização.

Durante a minha permanência na biblioteca, observei que muitas mães têm identificado, na biblioteca, a possibilidade de deixar as crianças em segurança, enquanto elas se deslocam para trabalhos ocasionais, para ir ao centro fazer compras, ou ao posto de saúde. Alguns estudantes também têm buscado na biblioteca um amparo para a realização de tarefas escolares, especialmente aquelas que exigem pesquisa, uma vez que os materiais escritos e as fontes de consulta são escassos. Poderia dizer que estas são práticas que subvertem o modelo proposto, e que borram as fronteiras entre a “necessidade da leitura” e as “necessidades cotidianas” da vida dos moradores, estudantes, trabalhadores que transitam neste espaço. A importância desta biblioteca torna-se visível quando pensamos na oferta de serviços destinados a práticas de leitura: a comunidade, que pode ser estimada em quatorze mil habitantes<sup>4</sup>, possui duas escolas municipais e três estaduais que atendem em grande parte estudantes do ensino fundamental. Sem contar as bibliotecas escolares, este é o único espaço, aberto ao público que promove o empréstimo e circulação de livros.

### **As muitas formas de leitura no cotidiano da biblioteca *Ilê Ará***

As atividades da biblioteca foram iniciadas com a circulação de “malas de leitura”. Essas “malas” compõem o conjunto das ações pioneiras desenvolvidas pela biblioteca *Ilê Ará*, por apresentar três funções centrais: a primeira, destinada à

---

<sup>4</sup> Informação obtida através do “censo” promovido pelo grupo Murialdo com base em dados levantados a partir de mapeamento realizado por agentes comunitários em 2005.

divulgação e demarcação da presença deste espaço dentro da comunidade; a segunda, para afirmar as ações de promoção da leitura, e a terceira para atrair a participação dos moradores ao local, à medida que estes estão sendo “convocados” a circularem pelo espaço quando precisam preencher os cadastros e devolver as malas que receberam.

Essas malas, contendo livros, revistas e gibis, passaram a circular pelas casas, permanecendo por um período determinado e, no momento da devolução, confirmava-se o cadastro da família. O projeto iniciou com três malas de circulação, hoje conta com sete. Ao que parece, esta é uma das estratégias utilizadas para levar a leitura até o potencial leitor, e para que ela seja convidativa, as obras são adequadas ao que se entende ser a composição de cada família. Esta diferenciação no conteúdo da mala de leitura me faz pensar no que diz Veiga-Neto (2003) acerca do poder: na perspectiva foucaultiana o poder opera criando sistemas de diferenciações que permitem agir sobre a ação dos outros e, neste caso, as diferenciações relacionam-se às habilidades, aos gostos e preferências dos potenciais leitores. Conhecer, portanto, o “perfil” dessas famílias seria uma condição para adequar a mala de leitura e, para tal, a nova família, que receberá a mala, é indicada por outra já cadastrada, que então se torna fonte importante de informações para que a mala cumpra sua função de motivar para a leitura.

Tais “malas de leitura” fazem parte de um conjunto de estratégias adotadas pela biblioteca para ampliar a circulação dos livros, espalhando-os para além dos limites institucionalizados (e convenientes) para ocorrer “a boa leitura”. Nas análises que desenvolvi, estas práticas podem ser entendidas como formas produtivas de motivar a leitura e de despertar esse desejo também naqueles que dificilmente se dirigiriam à biblioteca para ler, mas que, neste contexto, podem ser capturados pelos efeitos desta política.

Após a circulação das primeiras malas, intensificaram-se os serviços de empréstimo dos materiais disponíveis no acervo, bem como as atividades de mediação de leitura. Essa atividade desenvolve-se a partir da leitura de um livro, conto, crônica ou poesia para pequenos grupos de crianças, jovens ou adultos, geralmente realizada pelos mediadores de leitura. A mediação de leitura ocorre, em geral, com a apresentação da obra, a leitura da história, a observação das ilustrações, e abre-se, ao final, espaço para comentários e percepções. Nessas mediações de leitura procura-se colocar o grupo selecionado em contato com textos de autores clássicos e reconhecidos nacional ou internacionalmente.

Outra atividade que destaco é o atendimento de senhoras e adultos, três vezes por semana, com aulas de alfabetização desenvolvidas em parceria com educadores do núcleo de EJA da PUC/RS. São aulas relacionadas ao cotidiano, sendo elaborados previamente, pela educadora voluntária, alguns exercícios didáticos, valendo-se de estratégias como jogos, elaboração de listas de compras, trabalhos bordados utilizando nomes próprios, leituras de conta de luz, bulas de remédios, receitas de culinária, entre outras. Esse processo de alfabetização desenvolve-se na perspectiva do letramento e da articulação entre a compreensão do código escrito e seu uso social.

Na tentativa de atingir um maior número de pessoas, organizam-se também atividades diversificadas, unindo a leitura e a arte, por exemplo. Para isso, realizam-se encontros literários, saraus poéticos, “café com letras” e conversas com autores de obras conhecidas. E para dar mais ênfase a essa prática, os organizadores trazem autores “consagrados” até a biblioteca, para conversar com a comunidade. Como exemplos, pode-se destacar a presença de Moacyr Scliar, e algumas atividades com Ziraldo e Ricardo Azevedo.

Diante de todas essas ações desenvolvidas percebe-se que as pessoas que freqüentam a biblioteca *Ilê Ará* encontram não apenas livros e textos, como também um ambiente de convívio com outras pessoas da mesma comunidade, momentos de aprendizagem de certas artes – tal como o grafite, a tapeçaria, a pintura. Elas buscam também informação: não é raro ver alguns senhores dirigindo-se à biblioteca para ler os jornais diários, ou senhoras pesquisando receitas culinárias, ou estudantes buscando suporte para suas pesquisas escolares e temas de casa.

A biblioteca se expande para além de seus próprios muros, e chega aos leitores na forma de “malas de leitura”, ou de eventos voltados para a promoção da leitura – encontros literários, saraus poéticos, “café com letras” conversas com autores de obras conhecidas, entre outros. Nas análises que desenvolvi estas práticas podem ser entendidas como formas produtivas de motivar a leitura e de despertar esse desejo também naqueles que dificilmente se dirigiriam à biblioteca para ler, mas que, neste contexto, podem ser capturados pelos efeitos desta política.

### **Algumas considerações a respeito da formação dos leitores**

Conforme Chartier (2001) a leitura ocorre em uma ampla variedade de meios e envolve uma diversificação de linguagens. Desse modo, podemos ler um texto, uma

imagem, uma fotografia, uma partitura musical, uma seqüência numérica, uma rua, uma cidade, e muito mais.

No ocidente, a leitura foi fortemente vinculada ao texto escrito, e tem fortalecido as práticas associadas à cultura letrada. As campanhas de alfabetização, incluindo-se aí as atuais, confirmam esta tendência, uma vez que o foco é o processo de aquisição da língua escrita e mesmo que outras linguagens sejam utilizadas, elas são vistas apenas como meios, como técnicas que facilitam a aprendizagem do código escrito. O que me parece relevante destacar é que a centralidade da escrita acaba por posicionar como irrelevantes outras leituras e outras formas de comunicação.

No entanto, em nossa vida diária existe uma grande circulação de textos em diferentes suportes - cartazes, placas, sinalizações de trânsito, revistas, jornais, livros, editais ou textos oficiais, folhetos publicitários, encartes promocionais de lojas, supermercados, etc – e assim a leitura se expande. Desde muito cedo, antes mesmo de serem alfabetizadas para ler um texto verbal, as crianças convivem com rótulos de produtos, reconhecem símbolos, propagandas, desenhos, marcas, logotipos, e, através destas diferentes leituras, elas identificam as coisas que as cercam. Na comunidade do Morro da Cruz pude observar muitas formas de leitura, não restritas, necessariamente, ao texto escrito. À medida que caminhava pelo bairro observei muros com reproduções de imagens grafitadas, sinais de “pichação” que, de certa forma, simbolizam as ocupações territoriais de determinados grupos juvenis e que são lidas pelos moradores, visitantes, turistas, etc.

Na própria biblioteca os materiais oferecidos para leitura são variáveis, incluindo revistas, jornais, gibis, informativos, encartes, *folders*. Penso que, ao diversificar suas práticas, a biblioteca possibilita a produção de sentidos múltiplos para leitura, que não se vinculam unicamente ao texto escrito. No entanto, fica evidente que existe uma intencionalidade de produzir competências e gostos pela leitura de obras escritas, e preferencialmente de livros.

Outro fator relevante que gostaria de acentuar diz respeito ao livro que, na cultura ocidental, tornou-se o artefato central quando se fala de leitura, conforme destaca Chartier (2001). Na biblioteca, os livros parecem estar sempre em evidência, dispostos de maneira a atrair os possíveis leitores e, mais do que isso, chamando a atenção para a sua importância. Eles apresentam-se em formatos variados (cores, ilustrações, quantidade de páginas) e vão sendo classificados pelos mediadores de acordo com o perfil de cada público. Tais ações encontram amparo em algumas das

estratégias pedagógicas adotadas em documentos oficiais, do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Cultura (MinC), Parâmetros Curriculares Nacionais, manuais, revistas didáticas, catálogos de editoras, entre outros materiais.

Problematizando discursos sobre leitura, leitor e livro, Castro (2007) discute a formação discursiva que posiciona o livro como artefato principal das práticas de leitura. A centralidade do livro é uma hipótese levantada pelo autor, e se verifica nos estudos que vem desenvolvendo, em especial em textos jornalísticos. Os livros são tidos como ícones daquilo que se considera “boa leitura”, eles simbolizam um saber volumoso que se pretende dar a conhecer. Mesmo havendo uma variedade quase estonteante de suportes para o texto escrito, o livro é ainda a grande referência – e muito frequentemente o conceito de leitor assíduo e competente vincula-se à quantidade de livros consumidos. Também para Chartier (1994), a centralidade do livro se evidencia na cultura ocidental, e ele cita como exemplo o uso recorrente de representações deste em moedas, em monumentos, na pintura e na escultura. O livro é veiculado em tais imagens como símbolo de saber e autoridade.

Um dos efeitos desta concepção, que coloca o livro em evidência, é a noção de que a qualidade da leitura associa-se a idéia de volume, ou seja, a “medida” desta qualidade se dá em relação ao hábito de ler livros, e quanto mais, melhor. De acordo com Castro (2007) “essa idéia do hábito (do quantitativo, indiretamente) parece ocupar o nosso imaginário e talvez seja responsável, de uma forma indireta, por grande parte dos mitos e crenças que temos e reproduzimos sobre o tema da leitura, do livro e do leitor e, conseqüentemente, sobre o ensino de leitura” (p.49). Penso, então, que o apelo a figura do livro se converte em uma espécie de marcador simbólico, e também se configura nos espaços da biblioteca comunitária que freqüentei durante minha pesquisa de mestrado.

Para finalizar, gostaria de destacar que, na atualidade a biblioteca se reconfigura, atravessada por um desejo de produzir leitores competentes e, ao mesmo tempo, de agradar a um leitor que, na contemporaneidade, está cada vez menos interessado em longos tempos diante do livro e utiliza variadas fontes de leitura. Tudo isso tem a ver com as transformações, não apenas nos veículos e suportes do texto escrito – agora, digital, virtual, multimidiático – como também nas profundas mudanças na sociedade contemporânea. Essas experiências de leitura, mediadas pelo prazer, constituem novas relações com a escrita, outros desejos associados ao ato de ler, diferentes maneiras de nos tornarmos leitores.

## Referências

CASTRO, Gilberto de. O discurso sobre o livro, a leitura e o leitor na mídia escrita brasileira e suas implicações educacionais. *Leitura: Teoria & prática*. Campinas, nº. 49, Global Editora: 2007.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 8, nº. 21, 1994. p.185-199.

\_\_\_\_\_. Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldina e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVEIRA, Rosa Maria H. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Marisa V. (Org.). *O currículo nos limiares contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 105 – 128.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*. nº. 23, maio/agos. 2003.